

Corporate banking

31/07/2017

Fase de transição

Por Roseli Loturco | Para o Valor, de São Paulo



Erivelto Rodrigues, presidente da Austin: "Pico da inadimplência se deu em 2016; operações corporate dos bancos brasileiros são das mais sólidas do mundo"

Depois de levarem um susto no ano passado com os calotes de empresas investigadas pela operação Lava-Jato, os grandes bancos sinalizaram maior conforto no balanço do primeiro e segundo trimestres de 2017. Tanto que muitos diminuíram suas provisões para crédito duvidoso em mais de 20% em relação aos mesmos períodos de 2016. Apesar dos sinais ainda de certa tensão com algumas operações ligadas a grandes grupos de infraestrutura, analistas consideram que o atual colchão de proteção, principalmente das instituições financeiras nacionais, é confortável e sinaliza para um segundo semestre com possível

elevação de operações de financiamento utilizando diferentes instrumentos e canais.

"O pico da inadimplência das operações de corporate se deu em 2016. Muito pouco não foi identificado e ficou para cá. Acho que os bancos fizeram provisões até acima do que era necessário, o que foi correto", avalia **Erivelto Rodrigues, presidente da Austin Rating**, agência classificadora de risco do sistema bancário nacional. Para ele, o volume total de provisionamento este ano deve ser no máximo 5% acima do que foi em 2016, quando o saldo das provisões bateu em R\$ 194,64 bilhões.

Por conta disso, em nenhum momento a agência pensou em alterar o rating de bancos como Itaú, Bradesco ou Banco do Brasil devido ao estresse. As três instituições são Triple A para a **Austin**, consideradas de baixíssimo risco. "As operações corporate dos bancos brasileiros são das mais sólidas do mundo", diz.

A delação dos irmãos Wesley e Joesley Batista, da JBS, na operação Lava-Jato, trouxe alerta adicional ao mundo das grandes operações financeiras. Primeiro pela instabilidade política que gerou. Segundo, pelo que provoca em termos de retardamento da recuperação econômica, que já era fraca. E, por fim, pela fragilidade em que coloca a maior processadora de carnes do mundo - e toda a sua cadeia de fornecedores - que correu para vender de parte de seus ativos para cumprir com obrigações e multas previstas no acordo com o Ministério Público Federal.

Mesmo com toda a instabilidade, o corporate banking acredita em certo descolamento da atividade econômica das incertezas políticas e professa que o pior já passou. A inflação sob controle e a trajetória de redução da taxa básica de juros, a Selic, confirmam um pouco isso. Com o quadro se estabilizando até o final do ano, parte da indústria vê retomada de operações de crédito com juros menores no início de 2018. "E com o financiamento da infraestrutura no longo prazo em operações mais estruturadas por meio de sindicatos bancários. Ou mesmo o refinanciamento do mercado de capitais com os bancos como os principais atores", avalia Ricardo Anhesini, sócio da KPMG.

O segmento corporate sempre foi considerado o 'filé mignon' da indústria financeira, pois além de representar o maior volume das concessões de crédito, permite avançar em outras operações e serviços mais sofisticados. "Estimo que no Brasil esta indústria movimente algo próximo a R\$ 1 trilhão, enquanto no mundo a cifra chegue a US\$ 4 trilhões", diz Anhesini. Não é um mercado fácil de mensurar. Cada banco usa a sua própria régua para medir o que considera uma empresa corporate. Para o Itaú, são empresas que faturam acima de R\$ 4 bilhões por ano. Já na medida do Santander, receitas a partir de R\$ 1bilhão entram na carteira. No Bradesco, a partir de R\$ 250 milhões, e o Banco do Brasil fatia o seu corporate em pelo menos três segmentos: large corporate (acima de R\$ 2 bilhões), corporate (acima de R\$ 600 milhões) e middle market (entre R\$ 25 milhões e R\$ 600 milhões).

Do total da carteira de pessoa jurídica do BB, de R\$ 280,8 bilhões ao final de março, R\$ 219,4 bilhões eram relativos a este segmento, que possui perto de 12 mil empresas. Só do corporate para cima, são 2,8 mil companhias. O que mais preocupa o BB é que esta área demandou pouco crédito este ano. Mas olhando para o macro, há um pouco mais de otimismo. "Vimos a retomada de alguns projetos que indicam possível elevação da demanda por negócios a partir do segundo semestre. Até pela necessidade de retomada de investimentos e renovação de maquinário para competitividade nas exportações", avalia Antônio Maurício Maurano, vice-presidente de negócios de atacado do BB.

Ele enxerga um ambiente melhor para a agroindústria e toda a sua cadeia, que comemora safra de produção recorde de grãos este ano. O banco concentra mais de 60% do financiamento do agronegócio do país. Mas mesmo com a melhora de ambiente, não dá para ter um minuto de desatenção com as grandes operações de crédito porque ainda existem riscos à economia. "Muitas empresas têm aproveitado o momento para fazer reconfiguração de estoque de dívidas. Estão alongando em situações especiais. A queda da Selic tem criado condições para isso", diz Maurano.

Com direcionamentos globais para este nicho de clientes, o Santander monta estratégias mais agressivas para a América Latina, onde vem avançando nos últimos 10 anos. Na percepção do banco espanhol, apesar do maior rigor dos bancos na concessão de crédito novo, duas situações diferentes se impõem. Primeiro diz respeito à demanda retraída da elite corporativa. Segundo, é uma oportunidade que se desenha.

"A demanda de crédito continua muito baixa não só porque estamos em período gradual de recomeço, mas também porque há um renascimento do mercado de capitais no Brasil", analisa Jean Pierre Dupui, vice-presidente executivo do Santander. Apesar de ter fechado o semestre com uma carteira de crédito menor do que a concorrência no segmento corporate, perto de R\$ 90 bilhões - de uma carteira total de pessoas jurídicas pouco acima de R\$ 120 bilhões -, o Santander lidera algumas operações de mercado de capitais no país. "Hoje a alocação de crédito privado dentro da indústria total de fundos não passa de R\$ 100 bilhões, o que é muito pouco. No Chile, México e Peru é muito maior. Só no Chile, o transacional do cash management é 65% do total", compara Dupui.

As concessões tradicionais de crédito vêm diminuindo nos últimos dois anos. A retração se dá devido ao aumento da inadimplência não só do segmento corporate, mas em todas as carteiras. Porém, quando uma operação gigante tomba, o banco sente mais. A crise teve início no final de 2014. "E de lá até 2016, todo o sistema foi ajustando os ratings das carteiras de forma a equacionar o provisionamento. E esse é um processo que ainda não terminou, mas no mundo de grandes empresas, os problemas estão bem

identificados", avalia Guilherme Muller Leal, diretor executivo do Bradesco. Do total dos R\$ 321 bilhões da carteira de crédito expandida PJ, R\$ 229 bilhões eram de grandes empresas ao final do segundo trimestre, um crescimento de 13,8% em 12 meses, devido à incorporação das operações do HSBC. Sem elas, teria diminuído. Leal concorda que quanto mais empresas tiverem acesso ao mercado de capitais, será natural o aprimoramento do mercado secundário, hoje com pouca liquidez.